

NÓS E A GENTE NA CIDADE DE VITÓRIA: ANÁLISE DA FALA CAPIXABA

Alexandre Kronemberger de Mendonça*

Resumo: O presente artigo visa ao estudo da alternância *nós/a gente* na fala dos moradores de Vitória. Utilizamos para esta pesquisa 40 células do PORTVIX – UFES. A análise se procederá à luz da Teoria Sociolinguística, de W. Labov, que considera a língua em uso e contempla variáveis sociais, no nosso caso, idade, sexo/gênero e grau de escolaridade do falante; e variáveis linguísticas, no nosso caso, paralelismo formal; variante implícita ou explícita; referencialidade das formas *nós* e *a gente*; posição sintática, tempo e modo verbais. O presente estudo mostra que o processo de mudança linguística em Vitória se revela bastante acentuado. Fazemos um comparativo com os seguintes estudos de fala: Rio de Janeiro (Omena, 1996 e 2003); João Pessoa (Fernandes, 1996); Florianópolis (Seara, 2000); Jaguarão e Pelotas (Borges, 2004) e Porto Alegre (Zilles, 2007).

Palavras-Chave: Nós. A gente. Sociolinguística. Variação. Mudança

Abstract: This article aims to study the alternation between *nós/a gente* in the speech of those who live in Vitória. For this research we used 40 cells from PORTVIX – UFES. The analysis will proceed to the Sociolinguistic Theory, from W. Labov, which considers the current language and includes social variables; like the speaker's age, gender, and educational level ; besides linguistic variables, in our case the formal parallelism, implicit or explicit variant, referentiality of the forms *nós/a gente*, syntactic position, verbal tense and mood. This study shows that the process of language change in Vitória is marked. We do a comparative study with the following studied: Rio de Janeiro (Omena, 1996 and 2003), João Pessoa (Fernandes, 1996), Florianópolis (Seara, 2000), Jaguarão and Pelotas (Borges, 2004), and Porto Alegre (Zilles, 2007).

Keywords: Nós. A gente. Sociolinguistics. Variation. Change.

INTRODUÇÃO

Largamente investigados na oralidade, os pronomes “*nós*” e “*a gente*” serão estudados a partir do olhar Sociolinguístico de W. Labov (2008). Em usos cotidianos da linguagem oral, denominados por W. Labov de *vernáculo* (2008), os falantes utilizam a forma *a gente* em alternância com o pronome pessoal *nós*. O estudo aqui proposto objetiva analisar essa variação a partir das entrevistas que compõem o projeto do Português falado em Vitória (PortVix), desenvolvido na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

* Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) - Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória. Espírito Santo. Brasil. alkomen@yahoo.com.br

NÓS E A GENTE EM VITÓRIA

A variável aqui analisada é a noção de 1ª pessoa do plural, que pode ser expressa pelas variantes *nós* e *a gente*. A variação entre as formas *nós* e *a gente* pode ocorrer ao menos de quatro modos: 1) *nós* explícito; 2) *nós* oculto ou implícito, revelado pela desinência *-mos*; 3) *a gente* explícito; 4) *a gente* oculto ou implícito, revelado pelo uso da desinência *-o*, conforme os exemplos abaixo.

- (1) *EI: Eles custuma reclamá assim se falta ônibus, se ônibus demora?*
I: Não. Não.
EI: Cê acha que a quantidade que tem [é suficiente?]
I: [Aqui no bairro] pelo menos, atende bem. Nós temos três linhas, quatro linhas que passam aqui dentro, né? Elas pegam quase todos os pontos de Vitória, então atende bem. (CEI 40 - 01)
- (2) Vitória falta um pouco disso... conscientização um trabalho mas cê vê Vitória tem excelentes vários pontos turístico que você não vê sendo aproveitado até porque também a cultura do brasileiro não é pô cê vai na Europa qualquer lugar que você vai cê vai num museu cê paga ao dez dólares vinte dólares prá entrar nego paga prá vê quadro morrendo de rir cê chega aqui em Vitória se você tem que pagar alguma coisas ali pra entrar no museu rodoviário nego faz careta acha ruim entendeu? Não tou dizendo que é certo mas **vamos** botar uma taxinha de manutenção um real dois reais um negócio simbólico mas que ajude a manter (CEL 39 - 05)
- (3) *principalmente que a gente vê um monte de de reportagem né ... eu principalmente já não gostava muito não eu vou pra praia vou pra praia curtir a praia no máximo tomar água de coco comer um :: tomar um sorvetezinho picolé...(CEL 35 - 07)*
- (4) *na minha casa a gente tá economizando não deixa a luz ligada. (CEL 03 - 41)*

As duas formas são comumente utilizadas como referência genérica, embora a forma *a gente* venha concorrendo com o pronome *nós* como referente mais específico, como se verifica nos trabalhos de Omena (2003), Silva (2004) e Borges (2004), assumindo assim a referência determinada, sem, contudo, deixar de ter referencialidade genérica.

Segundo Omena (1996), a introdução da forma *a gente* expressa uma necessidade de os falantes contraporem uma referência específica a uma genérica, conforme o exemplo seguinte, retirado do PORTVIX.

(5) *a gente tem que exigir... do governo né?... a gente é um dos países que... paga mais imposto... e é um dos países que tá em::... com sérios problemas de:: saúde educação... não faz sentido né? a gente* não acha isso certo. (CEL 25 – 40)

O falante utiliza a primeira ocorrência da forma *a gente* para nomear de forma genérica os brasileiros, as pessoas em geral. A segunda ocorrência nomeia de forma determinada o Brasil, nosso país, e a última nomeia de forma mais específica ainda o emissor. O trecho acima demonstra a multirreferencialidade da forma *a gente*, também comum ao pronome *nós*, que dentro de um mesmo contexto discursivo, expressam sujeitos distintos, interligados e interpretados via contexto.

Segundo Labov (1986, p. 168), as variações não são aleatórias e se constroem a partir dos fatores que nelas possam interferir. Labov, ao considerar a língua um sistema heterogêneo, fazia nascer a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, que tem por objetivo estudar a língua em comunidades de fala, observando como o contexto social (sexo, faixa etária, escolaridade, perfil socioeconômico dos falantes) pode interferir e alterar o sistema linguístico de uma determinada comunidade ou região.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1965, p.139) “a mudança é um tipo de variação linguística com propriedades sociais particulares”. Portanto, para que haja mudança, é necessário que, em um dado período, uma variável tenha sofrido algum tipo de modificação ou variação. Entretanto, cabe ressaltar que o fato de existir mais de uma forma com o mesmo valor de verdade, não significa que houve, há ou haverá necessariamente mudança. A partir do entendimento da variação linguística, é possível fazer inferências, compreender o processo de mudança e motivar reflexões.

A mudança linguística pode ser entendida e analisada a partir das transformações porque passa a língua em seu uso. Investigaremos as variáveis sociais sexo - masculino ou feminino; idade - dividida em quatro faixas etárias: de 7 a 14 anos, de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e 50 e mais anos - e escolaridade: fundamental (8 anos de escolarização), média (11 anos de escolarização) e universitária (mais de onze anos de escolarização) a fim de observarmos a influência que possam exercer na escolha do falante diante das opções que a linguagem oral oferece.

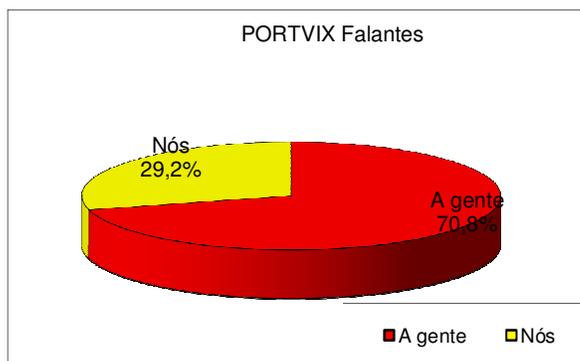
Pretendemos, com o estudo em voga, mapear o uso das formas *nós* e *a gente* na cidade de Vitória, contribuindo com os estudos sobre o novo sistema pronominal que se forma no português brasileiro. É intenção também dessa pesquisa contribuir com os estudos da área de sociolinguística que privilegiam a função de interação social da linguagem, a partir das relações de indivíduos em

contextos que estimulam a linguagem oral.

ANÁLISE DOS DADOS

Foram analisados 1745 dados. Podemos afirmar que os moradores de Vitória preferem a forma *a gente* (70,8%) em detrimento do pronome *nós* (29,2%), em termos de percentual de uso, conforme demonstramos abaixo.

GRÁFICO 1: PortVix - Falantes



A cidade de Vitória, conforme podemos observar na tabela abaixo, revela mudança linguística, ou seja, a forma *a gente* é mais favorecida que o pronome *nós* entre as pessoas mais jovens.

TABELA 1 –

Atuação da variável social faixa etária no uso de *a gente* pelos moradores de Vitória.

FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	%	PESO RELATIVO
07 a 14 anos	269/315	85,4	0,76
15 a 25 anos	454/541	83,9	0,70
26 a 49 anos	244/416	58,7	0,36
50 ou + anos	269/473	56,9	0,23
TOTAL	1236/1745	70,8	

Os resultados demonstram que as faixas etárias mais jovens tendem a ser menos conservadoras, ou seja, favorecem o uso da forma inovadora: a primeira faixa, de 7 a 14 anos, favorece a forma *a gente* em 0,76, sendo seguida, bem de perto, pela segunda faixa, com 0,70.

Nas faixas etárias seguintes, os adultos acima de 26 anos desfavorecem o uso de *a gente*, que apresenta peso relativo de 0,36 nesta faixa etária e, na faixa etária de informantes com 50 ou mais anos de idade, o peso relativo é de 0,23.

Os resultados mostram, também, que há um maior favorecimento por parte das mulheres, com peso relativo de 0,60, enquanto os homens desfavorecem a forma *a gente* em detrimento do pronome *nós* em 0,35.

TABELA 2 - Influência da variável social sexo no uso da forma *a gente*

SEXO	APLICAÇÃO/OCORRÊNCIAS	%	PESO RELATIVO
MASCULINO	398/700	56,9	0,35
FEMININO	838/1045	80,2	0,60
TOTAL	1236/1745	70,8	

Pesquisamos ainda a variável social escolaridade que apresentou os seguintes resultados: os falantes de nível de escolaridade fundamental desfavorecem a forma *a gente* em 0,48 de peso relativo, resultado igual ao dos falantes de nível médio que também a desfavorecem em 0,48. A forma *a gente* é favorecida em 0,55 pelos falantes de escolaridade universitária.

A primeira variável lingüística selecionada pelo GOLDVAR X foi a de paralelismo formal, conforme tabela abaixo.

TABELA 3 – Efeito da variável paralelismo no uso da forma *a gente*.

PARALELISMO	TOTAL/ OCORRÊNCIA	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Isolado	230 /325	70,8%	0,38
1º da série	255/366	69,7%	0,34
Não 1º da série precedido de nós explícito	48/153	31,4%	0,18
Não 1º da série precedido de nós implícito	37/139	26,6%	0,21
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> explícito	576/654	88,1%	0,71
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> implícito	72/76	94,7%	0,96
Não 1º da série precedido de nós zero	8/17	47,1%	0,23
Não 1º da série precedido de <i>a gente</i> + -mos	10/15	66,7%	0,55
TOTAL	1.236/1.745	70,8%	

Das 1.745 ocorrências, 1.236 foram da forma *a gente*. A referência isolada, apresenta um peso relativo que desfavorece a forma *a gente* em 0,38. O mesmo ocorre com o peso relativo da primeira referência em que, das 366 ocorrências, 255 referem-se à forma *a gente*. Entretanto, a exemplo da referência isolada, segundo o peso relativo esta forma é desfavorecida em 0,34.

No fator relativo à forma *a gente* que não é a primeira da série e é precedida por *nós* explícito, das 153 ocorrências, 48 eram de *a gente*, apresentando peso relativo desfavorecedor em 0,18. Resultado bastante semelhante à referência não primeiro da série precedido de *nós implícito*, em que, das 139 ocorrências, 37 eram da forma *a gente*, desfavorecendo em 0,21. Concluimos, portanto, de acordo com a tabela acima, que, nas ocorrências iniciadas por *nós*, a sequência seguinte favorecia a manutenção deste pronome, evidenciando, assim, o paralelismo formal das formas estruturadas com o pronome *nós*.

O mesmo se dá também com a forma *a gente* quando não é a primeira da série precedida de *a gente* explícito: de 654 ocorrências, 576 foram de *a gente*, favoreceram a forma *a gente*, com peso relativo de 0,71. Igualmente em ocorrências as quais não são a primeira da série precedidas de *a gente* implícito, das 76 ocorrências, 72 foram da forma *a gente*, favorecendo-a, com peso relativo da forma *a gente* em 0,96.

Foram registradas 17 ocorrências de não primeiro da série precedido de *nós zero*, destas 8 eram da forma *a gente*, desfavorecendo-a em 0,23 de pesos relativos.

Das 15 ocorrências de não primeiro da série precedido de *a gente* + *-mos*, 10 eram da forma *a gente*, favorecendo em peso relativo de 0,55 a forma *a gente*.

A segunda variável selecionada pelo programa foi a forma implícita e explícita, cujos resultados são os seguintes:

TABELA 4
Atuação da variável implícita e explícita no uso de *a gente* na cidade de Vitória/ES.

	TOTAL/ OCORRÊNCIA	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
EXPLÍCITO	1125/1411	79,7%	0,62
IMPLÍCITO	111/334	33,2%	0,10
TOTAL	1236/1745	70.8%	

Das 1.745 ocorrências da variável dependente, 1411 foram de formas explícitas, isto é, os pronomes *nós* e *a gente* foram expressos. Das 1411 ocorrências da variável dependente explícita, 1125 foram de *a gente*, equivalendo a 79,7% do total de formas explícitas.

Das 334 formas implícitas, isto é, daquelas expressas apenas pela flexão verbal, 111 foram relativas ao pronome *a gente*, equivalendo a 33,2% do uso das formas implícitas.

Observamos, que os moradores de Vitória utilizam mais o pronome *a gente* de maneira explícita, sendo favorecida em 0,62 de peso relativo. A forma implícita, por sua vez, desfavorece o uso de *a gente* com peso relativo de 0,10, ou seja, os moradores de Vitória preferem o pronome *nós* à forma *a gente* na referência implícita.

Uma das hipóteses do presente trabalho é a de que a forma *a gente*, embora seja considerada de referência mais genérica e indeterminada que o pronome *nós*, conforme Lopes (1993, 2003), Omena (2000), vem ganhando força também na referencialidade específica/determinada. Esta forma que, nos primórdios, referia-se à não-pessoa, paulatinamente se tornou pessoa do discurso, isto é, nas palavras de Benveniste, deixou de ser a não-pessoa e se tornou uma das pessoas do discurso, sendo, inclusive, no atual momento, utilizada como referência à primeira pessoa, no caso, o “eu”, aquele que propõe o enunciado.

A fim de proceder a rodada de pesos relativos, dividiu-se a variável da seguinte forma:

- (i) *a gente* em referência ao próprio falante; ou seja: ao eu;
- (ii) *a gente* em referência a eu + ele (não pessoa);
- (iii) *a gente* em referência indeterminada ou genérica .

As entrevistas monitoradas são produzidas por entrevistadores estranhos ao meio e aos entrevistados, o que dificulta bastante as correlações entre entrevistado e entrevistador, talvez em virtude do modelo de entrevista, a referência a *eu + você* favorece o uso da forma *a gente* em 0,61 de peso relativo, embora tenha um índice pequeno de ocorrências. A referência determinada, ou seja, quando o falante se refere a ele próprio, primeira pessoa, favorece a forma *a gente* com 0,70 de peso relativo conforme tabela abaixo.

TABELA 5 - Referencialidade da forma *a gente*.

TIPO DE REFERÊNCIA	TOTAL/OCORRÊNCIA	PERCENTUAL	PR
EU	239/295	81,0%	0,70
EU+VOCÊ	8/11	72,7%	0,61
EU+VOCÊ+NÃO PESSOA	6/7	85,7%	0,85
EU+ELE	726/1068	68,0%	0,43
GENÉRICA	253/357	70,9%	0,54
ELE (A)	4/7	57,1%	0,04
TOTAL	1236/ 1745	70,8%	

A referência *eu+você+não pessoa* também apresenta um índice muito baixo de ocorrências, favorece a forma *a gente* em 0,85 de peso relativo.

Quanto à referência *eu+ele*, significando a primeira pessoa do plural de modo mais específico, embora o número de ocorrências seja bastante significativo, esta referência desfavorece a forma *a gente*.

A referência genérica apresenta peso relativo de 0,54, demonstrando um certo equilíbrio entre as duas variantes, o que significa que tanto *nós* quanto *a gente* possuem referência genérica, podendo ser usadas para indeterminação ou generalização do sujeito,

A referência à não pessoa desfavorece a forma *a gente*, apresenta um baixíssimo número de ocorrências.

Quanto à posição sintática, nossa hipótese inicial era a de que a variante *a gente*, confirmando estudos de Omena e Braga (1996) e Seara (2000), ocuparia com maior frequência a posição de sujeito nas falas dos moradores de Vitória. O que de certa forma se confirma, pois Omena (1998, p.191-192) apresenta-nos a frequência de uso de *a gente e nós* no uso geral favorecendo o complemento verbal em 72%, contra 73% na posição de sujeito, demonstrando haver equilíbrio no uso dessas formas. Entretanto, se observarmos o grupo de crianças isoladamente,

constataremos a maior diferença de pontos percentuais de uso. O complemento verbal possui 90% de uso de *a gente*, e sujeito, 82%. Considerando que estes resultados são da década de 80, que os mais jovens já utilizavam com maior frequência a forma *a gente*, tudo indica haver uma mudança lingüística em progresso.

TABELA 6 – Atuação das variáveis sujeito e complementos verbais no uso de *a gente*

POSIÇÃO SINTÁTICA	APLICAÇÃO/ OCORRÊNCIAS	%	PR
SUJEITO	1.143/1.642	69,6	0,47
OBJETO DIRETO	44/46	95,7	0,88
OBJETO INDIRETO	49/77	86,0	0,76
TOTAL	1.236/1745	70,8	

Dos resultados, podemos observar que há quase um equilíbrio disputando a posição de sujeito, com peso relativo desfavorecendo o uso de *a gente* em 0,47 e favorecendo o uso de *nós* em 0,53. Já quanto à função de complemento verbal sem preposição, a forma *a gente* é favorecida em 0,88 de peso relativo e, com preposição, em 0,76. Isto significa que a forma *a gente* não está apenas migrando em funções morfológicas, mas também no campo sintático da oração.

Esse favorecimento da forma *a gente* nas posições sintáticas de objeto direto e indireto se dá por causa do desfavorecimento do clítico “nos” (o bem que Deus *nos* faz e o amor que Deus *nos* deu ... né? (Cel 19)) e a preferência de uma forma nominal e não pronominal nesta posição (essa senhora explicou *para a gente* assim que fala bem assim "pai eu posso namorar com aquele?" (cel 11)) vs (ai meu Deus papai fez isso *pra nós* (cel 20)).

Outra variável lingüística pesquisada foi a de tempo verbal, cuja hipótese inicial é confirmada parcialmente na fala dos moradores de Vitória, ou seja, relativamente confirmamos o favorecimento da forma *a gente* pelos tempos presente e o pretérito imperfeito. No tempo presente, há 809 ocorrências de um total de 1.074 e o peso relativo de 0,54 favorecendo a forma *a gente*. Igualmente o pretérito imperfeito, com um total de 279 ocorrências, das quais 235 eram da forma *a gente* com peso relativo favorecendo a forma *a gente* em 0,64. O tempo futuro se apresenta de maneira semelhante aos outros dois tempos já citados, isto é, também favorece a forma *a gente*, com peso relativo de 0,55. O pretérito perfeito desfavorece a forma *a gente*, com peso relativo de 0,26.

TABELA 7 – Efeito do tempo verbal no uso da forma *a gente*.

TEMPO	TOTAL / OCORRÊNCIAS	%	PR
PRESENTE	809/1.074	75,3	0,54
PRET. PERF.	159/348	45,7	0,26
PRET. IMPERF	235/279	84,2	0,64
FUTURO	33/44	75%	0,55
TOTAL	1236/1745	70,8	

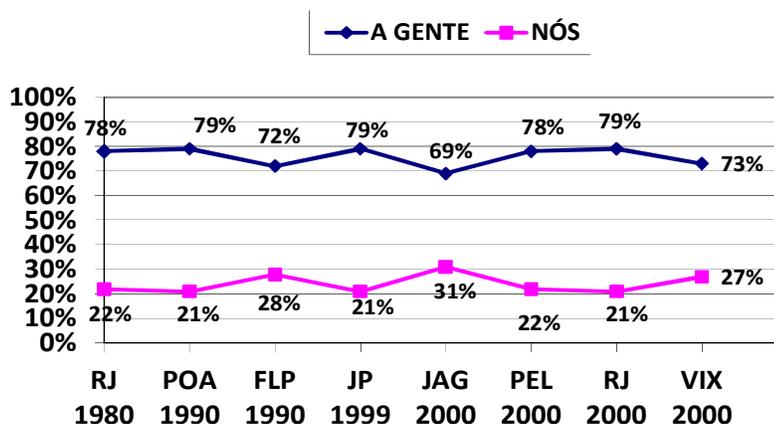
O papel favorecedor do tempo presente (0,54) e desfavorecedor do pretérito perfeito (0,26) pode ser explicado pela ambiguidade das formas quando relacionadas à forma *nós* representando tanto o presente quanto o pretérito perfeito (cantamos).

A hipótese para o favorecimento ao pretérito imperfeito e ao futuro é a de que os falantes tendem a evitar as formas proparoxítonas, o que não ocorre com a forma inovadora (a gente cantava / nós cantávamos).

ESTUDOS COMPARATIVOS

Procuramos neste trabalho analisar as ocorrências da forma *a gente* competindo com o pronome *nós* na função de pronome pessoal do Português do Brasil. Para tanto, baseamo-nos nos seguintes estudos de fala: Rio de Janeiro (Omena, 1996 e 2003); João Pessoa (Fernandes, 1996); Florianópolis (Seara, 2000); Jaguarão e Pelotas (Borges, 2004) e Porto Alegre (Zilles, 2007). O gráfico a seguir mostra, em percentuais de uso, que a introdução da forma *a gente* na função de pronome pessoal vem ocorrendo em todas as localidades estudadas de forma bastante acentuada, ficando nítida a escolha do falante pela forma *a gente* em detrimento do pronome *nós*. Devemos levar em conta que a forma *a gente* é admitida tanto para o papel de sujeito quanto para complemento verbal, o que não ocorre com a forma *nós* que atende muito bem à função de sujeito, mas não a de complementos. Fica igualmente claro que, por não ter o uso estigmatizado, a forma *a gente* vem se propagando em todos níveis de escolaridade e também em todas as classes sociais. Para Borges (2004, p.185-186) o fato de a forma *a gente* se destacar em várias localidades “reforça a ideia de que a diversidade linguística do Português do Brasil tem o fator cultural como uma importante variável a ser considerada”.

GRÁFICO 2 –
Percentuais de uso da forma *a gente* nos trabalhos consultados para esta pesquisa.¹



As línguas estão em constante mudança, principalmente porque antes de tudo são um aparato social e, por isso, passíveis de eliminar ou incluir determinadas variantes. Se compararmos, por exemplo, nossa língua utilizada há um século, ou meio século ou simplesmente há décadas, constataremos algumas mudanças motivadas, muitas vezes, pelo uso informal da língua.

Nesse sentido, destaca-se a variável faixa etária pela qual, em nosso trabalho, em tempo aparente, nos revela haver uma mudança linguística em progresso em Vitória.

A mudança linguística em Vitória também se revela bastante acentuada, sendo confirmada pelo crescente uso das duas faixas etárias mais jovens, enquanto as outras faixas etárias apresentam resultados desfavoráveis à forma inovadora.

¹ Os percentuais de uso do gráfico acima, salvo o do Rio de Janeiro (Omena in Braga 2003: pp.63-80) e o de Vitória (PortVix), foram colhidos no trabalho de Zilles (2007, p.37) in *Letras Hoje*. Porto Alegre, v. 42, pp.27-44, junho, 2007.

GRÁFICO 03 - Atuação da faixa etária no uso da forma *a gente* em diversos estudos / localidades (pesos relativos)

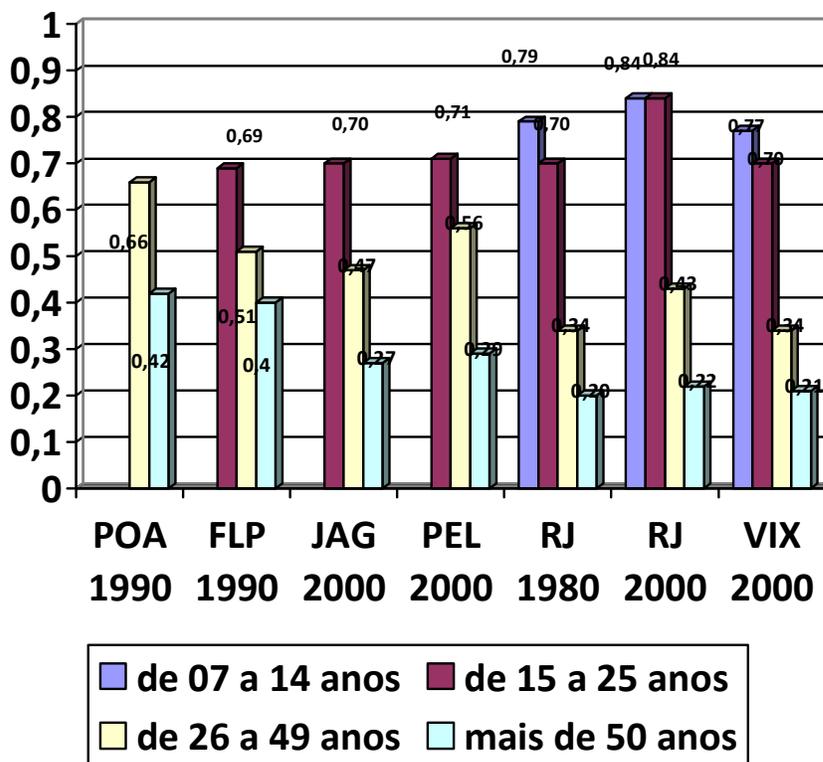
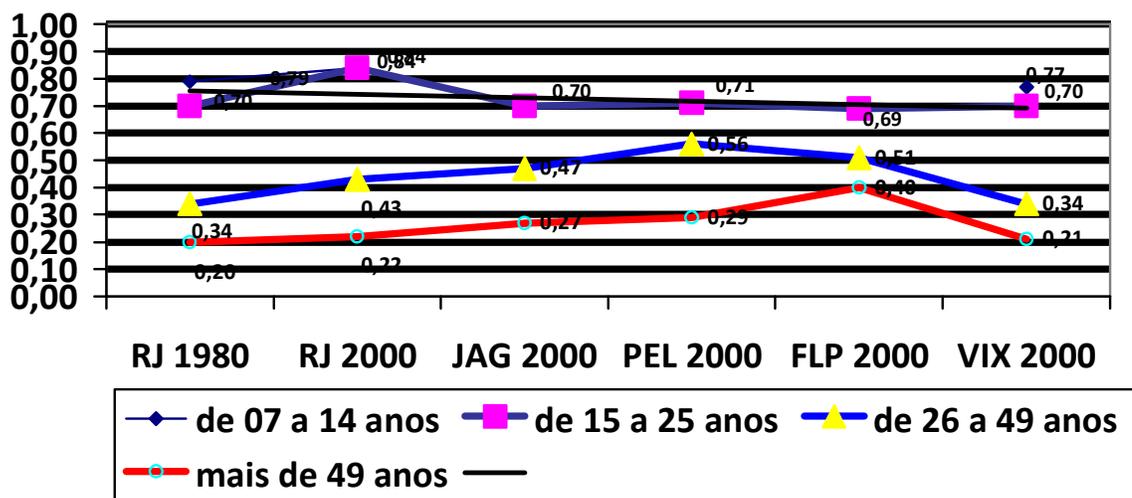


GRÁFICO 4 - Atuação da faixa etária no uso da forma *a gente*

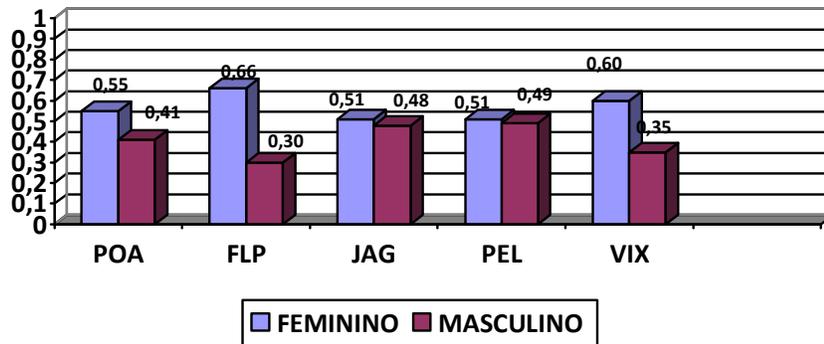


A partir dos gráficos 03 e 04, podemos perceber que Vitória, na primeira faixa etária alinha-se ao Rio de Janeiro com favorecimento da faixa etária mais jovem ao uso da forma inovadora: o Rio de Janeiro favorece a forma inovadora, na década de 80, com 0,79 e, em 2000, com 0,84 de peso relativo e Vitória, em 0,77. As demais regiões pesquisadas não se dedicaram a esta faixa etária. A segunda faixa etária de 15 a 25 anos é bastante reveladora: Vitória apresenta peso relativo de 0,70 próximo à faixa etária anterior e idêntica a do Rio de Janeiro na década de 80, porém se distancia do Rio de Janeiro, cujo favorecimento se dá em 0,84, em 2000. Na faixa etária intermediária (de 25 a 49 anos) Vitória alinha-se ao Rio de Janeiro e a Jaguarão com pesos relativos na média de (0,40) desfavorecendo a forma inovadora. Em Florianópolis, há um certo equilíbrio entre as duas formas (0,51). Em Pelotas, a faixa etária de 26-49 anos favorece o uso da forma inovadora em 0,56. A hipótese de Borges (2004, p.100) é a de que Pelotas sofre grande influência, em virtude de sua tradição cultural pelo teatro, de grandes centros culturais do país. Também atrai estudantes de várias partes do país em virtude de suas duas Universidades e duas escolas técnicas.

A fim de confirmarmos o papel da mulher como propagadora da forma inovadora quando esta não se demonstra estigmatizada, comparamos nossos resultados com o de outras quatro localidades e percebemos que, em Vitória, a mulher exerce grande influência no processo de mudança, igualmente nas capitais Florianópolis e Porto Alegre.

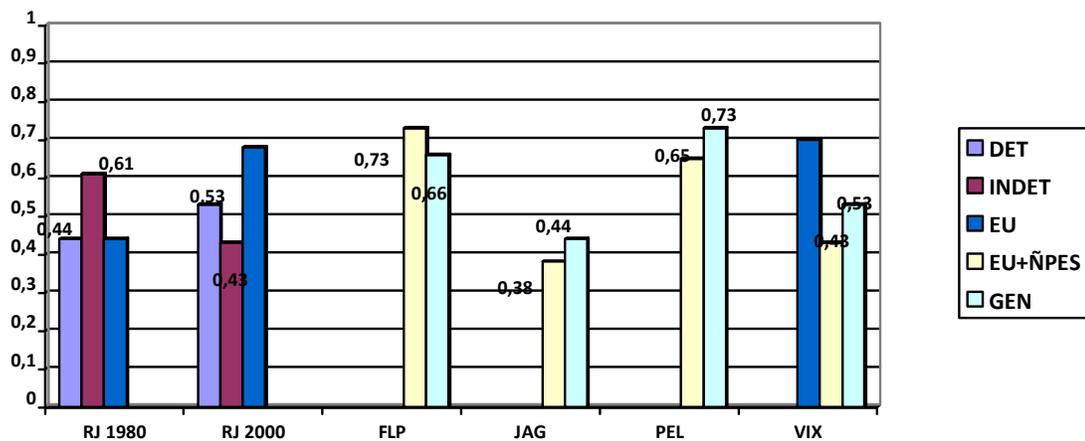
Em Jaguarão e Pelotas, cujas pesquisas foram desenvolvidas no mesmo ano que as de Vitória (2000), as mulheres revelam resultados muito próximos aos dos homens, não se revelando propagadoras da forma *a gente*. Uma das hipóteses para justificar esse distanciamento das duas cidades é a diferença dos papéis sociais das mulheres nas capitais e nas cidades do interior.

GRÁFICO 5 - Efeito da variável sexo no uso da forma *a gente* em diversas localidades - Peso relativo



Quanto à referencialidade, Vitória mantém-se alinhada ao Rio de Janeiro em que predomina o uso de *a gente* indicando a primeira pessoa. O mesmo não se confirma nas cidades do Sul em que a forma *a gente* vai se destacando na referência genérica e na de *eu+não pessoa*.

GRÁFICO 6 - Referencialidade da forma *a gente* nas cidades de Vitória, Rio de Janeiro, Jaguarão e Pelotas



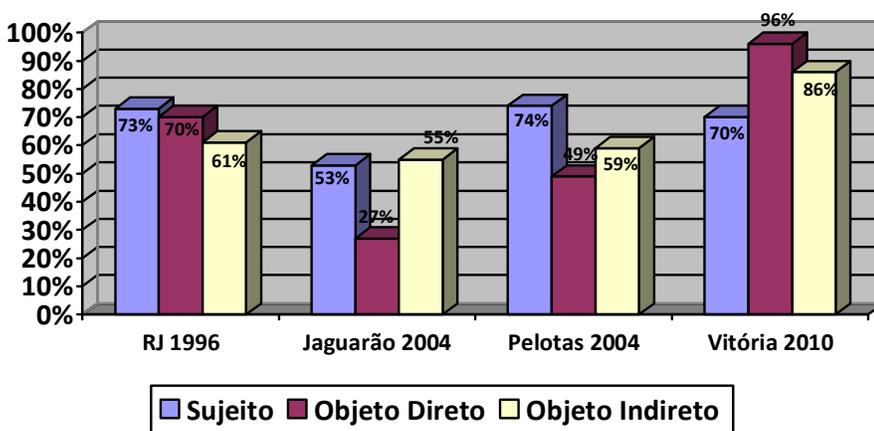
Este estudo confirma a hipótese de que a forma inovadora vem ganhando força no processo de determinação sem, contudo, deixar de atuar na referência genérica / indeterminada. A forma *a gente* vem atuando fortemente na primeira pessoa do singular, confirmando os resultados produzidos no Rio de Janeiro em épocas distintas, como também na referência genérica. Isto nos

revela que a forma inovadora vem evoluindo e assumindo mais papéis quanto às pessoas do discurso, exceto à referência *eu + você*, cujas ocorrências foram amalgamadas, em virtude da baixa ocorrência, a qual pode ter se dado em função do tipo de entrevista, que não propicia ambiente favorável.

A forma *a gente* em termos referenciais vem se sobressaindo sobre a forma canônica *nós* que tende a um uso referencial mais restrito: o de primeira pessoa do plural.

Quanto à função de sujeito, Vitória apresenta, em termos de uso, a mesma média de outras localidades estudadas, pois, dos quatro estudos, cujos resultados demonstramos abaixo, a forma *a gente* é preferida em torno de 70% no uso, exceto em Jaguarão em que o percentual de uso (53% para *a gente*) parece manter-se equilibrado entre as duas formas (*nós* e *a gente*).

GRÁFICO 7 - Atuação das variáveis sujeito e complementos verbais no uso de *a gente*



Quanto à posição de complemento verbal, Vitória chama a atenção para o uso de *a gente* na posição de objeto direto, tendo em vista que o percentual de uso é bastante alto (96%). Entretanto há de se considerar o desfavorecimento do clítico *nos*, cujas ocorrências não foram tantas e nem tão significativas em termos de número, ou seja, de 1236 ocorrências apenas 46 foram de objeto direto e destas 44 na forma *a gente*. Fato semelhante também se dá na posição de objeto indireto, em que das 1236 ocorrências apenas 57 foram de objeto indireto, sendo 49 na forma *a gente*. Talvez por isso este grupo tenha sido o último a ser selecionado pelo programa, haja vista que o baixo número de ocorrências pode comprometer o peso relativo.

O paralelismo linguístico corrobora a tese apresentada nos estudos de Omena (1996), Lopes (2003), Borges (2004), uma vez que o falante tende a repetir a forma já mencionada anteriormente.

Assim, quando a primeira referência é de *a gente*, a referência seguinte tende a se repetir. O mesmo se dá em relação à forma *nós* e também a *zeros* e *-mos*.

O pretérito imperfeito é o tempo verbal, conforme ratificam outros estudos, em que prevalece o uso da forma *a gente*, haja vista o desfavorecimento do falante pela forma proparoxítona. Outro tempo favorecedor de *a gente* é o presente do indicativo, por haver ambiguidade causada pela primeira pessoa do plural entre os tempos presente e pretérito perfeito.

CONCLUSÃO

O fenômeno de variação entre *nós* e *a gente*, em Vitória, pode ser caracterizado como um processo de mudança em progresso, no qual a forma *a gente* se apresenta como inovadora, destacando-se como referência à primeira pessoa do singular, sem, contudo, deixar de fazer referência genérica.

Os mais jovens, de 7 a 25 anos, favorecem o uso da forma inovadora e os mais velhos, acima de 26 anos, desfavorecem esta forma, o que ratifica o processo de mudança. As mulheres são propagadoras de *a gente*, diferentemente dos homens que se mantêm mais conservadores.

Ocorre também a manutenção do paralelismo formal, ou seja, *a gente* quando não é a primeira da série favorece *a gente* tanto de forma *explícita*, quanto *implícita*.

A forma *a gente* favorece os complementos verbais, sejam eles com ou sem preposição e desfavorece a posição de sujeito, revelando que a variação em Vitória não ocorre apenas no campo morfológico, mas também no sintático.

Quanto ao modo verbal *a gente* apenas desfavorece o pretérito perfeito e favorece os demais tempos.

Procuramos contribuir para o debate acerca do paradigma pronominal, para tanto comparamos os resultados obtidos na cidade de Vitória – ES com os de outros estudos de fala, a fim de caminharmos para o mapeamento desta variante no dialeto brasileiro.

Referências

- ATELIER Internacional Maîtrise D'Ceuvre Urbaine. Prefeitura Municipal de Vitória. UFES, 2009.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 2a ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.
- BORGES, P. R. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Tese de doutorado. UFRS: Porto Alegre, 2004.
- FERNANDES, E. A. *Nós e a gente: variação na cidade de João Pessoa*. Dissertação de mestrado. UFPB, 1996. Bernadete M. Abaurre e Angela C. S. Rodrigues (Orgs.). *Gramática do Português Falado* 8.
- FERNANDES, E. & GORSKI, E. *A concordância verbal com os sujeitos Nós e a gente: um mecanismo do discurso em mudança*. UFBA, 1986:175-183.
- GUY, G. R. e ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo. Parábola, 2007.
- MARTELOTA, M. E. (org). *Manual de linguística*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- LABOV, W. *Modelos sociolinguísticos*. Madrid: Cátedra, 1983
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. (Tradução Marcos Bagno e outros). São Paulo: Parábola, 2008.
- LINS, M.P.P & YACOVENCO, L. (Orgs). *Caminhos em Linguística*. Vitória: UFES, 2002.
- LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado. UFRJ: 1993.
- _____. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. D.E.L.T.A., Vol.14, N° 2, 1998, p. 405-422.
- _____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Tese de doutorado. UFRJ: 1999.
- _____. *Análise de variedades do português: a introdução de novas formas pronominais na imprensa - séculos XIX e XX*. UFRJ, 2003.
- MACHADO, Márcia dos Santos. *Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MENON, O. P. S. *A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil?* Anais do II ELFE. Maceió: UFAL, 1995a, p.397-403.
- _____. *A gente: um processo de gramaticalização*. In.: Estudos Linguísticos, XXV: 622-628 (Anais do XLIII sem. Gel. UNAERP, Ribeirão Preto), 1996, p. 622-628.
- _____. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Letras, Curitiba, n.44, 1995c, p.91-106.
- _____. *Reestruturação do sistema possessivo em português*. Anais do VIII Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná. Curitiba, 1994. In.: UNIPAR/FAFIU, 1995b, p. 334-338.
- MILANEZ, W. *Recursos de indeterminação do sujeito*. Dissertação de Mestrado. Campinas, São Paulo, 1982.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. In.: Cavalcante, M. M.; Rodrigues, B. B.; Ciulla, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003/1995, p. 17-52.
- NARO, A. J. *Idade*. In.: Mollica, C. M. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*.

UFRJ, 1992. p. 81-87.

OLIVEIRA, J.T. DE. *História do Estado do Espírito Santo*. 3ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

OLIVEIRA, M. A. DE. *Variável linguística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical*. *D.E.L.T.A.* v.3, n.1, 1987, p.19-34.

OMENA, Nelize. P. de A e BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In.: MACEDO, A. T.; Roncarati, Cláudia e Mollica, M. C. (Orgs). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: brasileiro, 1996, p. 75-83.

OMENA, Nelize. P. de A. Referência à primeira pessoa do discurso no plural. In.: SILVA, M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos*. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. UFRJ, 1998a, p. 185-215.

OMENA, Nelize. P. de A. As influências sociais na variação entre nós e *a gente* na função de sujeito. In.: SILVA, M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos*. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. UFRJ, 1998b, p. 311- 323.

OMENA, Nelize. P. de A. Referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In.: PAIVA, M. C.; DUARTE, E. L. (Orgs.). *Mudança em tempo real*. Rio de Janeiro: Capa Livraria, 2003, p. 63-80.

PAIVA, M. C. Sexo. In.: Mollica, C. M. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. UFRJ, 1992, p. 69-73.

ROCHA, Levy. *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. Secretaria da Educação do Estado do Espírito Santo, Vitória, 2008.

SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da lingual portuguesa*. UNB: 1964.

SCHERRE, M. M. P. *Paralelismo linguístico*. Revista DE ESTUDOS DA LINGUAGEM. Faculdade de Letras da UFMG. Vol. 7, nº2, 1998, p. 29-59.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In.: BRAGA, M. L. & PAIVA, C. *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-177.

_____. *Paralelismo linguístico*. Revista de Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, v.7.n.2, jul./dez.1998, p. 29-59.

SEARA, I. C. *A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana*. Organon, Porto Alegre, 2000, p. 179-194.

SILVA, Ivanilde da. *De quem nós \ a gente está (mos) falando afinal?* Uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial. UFSC: Florianópolis, 2004.

SILVA, V. L. P. da. A Relevância dos fatores internos. In.: Mollica, C. M. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. UFRJ, 1992, p. 33-37.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. (Tradução Marcos Bagno) *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. São Paulo. Parábola, 2006.

ZILLES, Ana Maria S.; BATISTA, Hires Héglan R.B. *A concordância verbal da primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre*. EDUCART, 2006, p. 99-124.